



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

VIVÊNCIAS DE TRABALHO DE JOVENS DO CAMPO NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Tharcizo Augustho Amado Pereira Alves¹

Moniele Soares da Silva²

Wagnervalter Dutra Júnior³

Resumo: Este artigo é um recorte baseado na dissertação de mestrado "Trabalho e Práticas Formativas do Movimento Sindical Rural: A Resistência dos/das Jovens do Campo Frente às Investidas do Capital" e tem como objetivo discutir a relação entre vida e trabalho dos/das jovens do campo no Alto Sertão da Bahia. O texto contextualiza a relação histórica entre o capitalismo e a força de trabalho, destacando a geração de pobreza e a necessidade de uma reserva de trabalhadores para a acumulação capitalista, conforme argumentado por Marx e Harvey. A metodologia utilizada foi entrevista com jovens que fazem parte do movimento sindical no município de Guanambi/Ba. A discussão se concentra nas vivências de trabalho dos/das jovens do campo, exemplificadas por relatos de participantes entrevistados, evidenciando condições precárias de trabalho, exploração e falta de reconhecimento.

Palavras-chave: Jovens do Campo; trabalho; Práticas Formativas; Movimento Sindical Rural.

Abstract: This article is an excerpt based on the master's thesis "Work and Training Practices of the Rural Union Movement: The Resistance of Rural Youth in the Face of Capital's Attacks" and aims to discuss the relationship between life and work of rural youth in the Alto Sertão of Bahia. The text contextualizes the historical relationship between capitalism and the workforce, highlighting the generation of poverty and the need for a reserve of workers for capitalist accumulation, as argued by Marx and Harvey. The methodology used was interviews with young people who are part of the

¹ Doutorando em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) e Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: tharcizoa@gmail.com

² Graduada em licenciatura em Pedagogia, Especialista em educação do campo e mestranda do Programa de Pós-graduação. em Ensino Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia. Email: monielesoares.uneb@gmail.com

³ Graduado em Geografia e Especialização em Ciências Ambientais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Mestre e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) E-mail: wdutra@uneb.br

union movement in the municipality of Guanambi/Ba. The discussion focuses on the work experiences of young people in the countryside, exemplified by reports from interviewed participants, highlighting precarious working conditions, exploitation and lack of recognition

Keywords: Rural Youth; work; Training Practices; Rural Union Movement.

Introdução

Este texto é um recorte baseado na dissertação de mestrado intitulada “Trabalho e Práticas Formativas do Movimento Sindical Rural: A Resistência dos/das Jovens do Campo Frente às Investidas do Capital.”⁴ E tem como objetivo apresentar e discutir a partir de entrevistas semiestruturadas a relação de vida e trabalho dos e das jovens do campo do Alto Sertão da Bahia.

Desde o seu princípio, a sociedade capitalista se organizou a partir de bases violentas, seja de forma direta ou indiretamente, removendo de seus lugares de origem e exterminando pessoas, destruindo formas de sobrevivência que não estavam sob suas leis, Marx (2013) exemplifica usando o caso dos camponeses da Inglaterra e França que foram retirados a força das terras em que ocupavam e acabavam seguindo para as cidades, sem conseguirem uma atividade se convertiam em vagabundos e desocupados.

“O crescimento do capital implica o crescimento de seu componente variável, ou seja, daquele componente que se converte em força de trabalho” (MARX, 2013, p.836) o capitalista sempre precisa retirar uma parte do mais valor e voltar a investir em força de trabalho, então se o capital mantiver sua produção, logicamente a demanda por força de trabalho tende a aumentar.

O capitalismo produz pobreza criando um excedente relativo de trabalhadores por meio do uso de tecnologias que eliminam postos de trabalho. Uma massa permanente de trabalhadores desempregados é socialmente necessária para que a acumulação continue a se expandir. (HARVEY, 2013, p.288)

Então para Marx (2013) o crescimento da acumulação do capital está diretamente ligado ao crescimento do proletariado, diferente do que

⁴ Pesquisa que buscou analisar como se dão as práticas formativas do movimento sindical rural do Polo sindical de Guanambi-BA, foi realizada entre os anos de 2019 a 2021. Pesquisa aprovada pelo comitê de ética pelo parecer N^o: 3.691.912.

acreditavam os economistas nacionais da época que apesar de compreenderem que os pobres produzem a riqueza não questionavam de onde surgiam tantos pobres em busca de emprego, um problema que se mantém até os dias atuais.

O que nós podemos assistir no dia a dia são os motivos que o capital e os capitalistas encontram para tratar a força de trabalho ativa como um mero item a ser descartado de sua equação do lucro, temos as grandes dificuldades postas para absorver trabalhadores, mesmo em momentos de grande apogeu econômico o emprego pleno não passa de um sonho e em meio as “crises” temos a fácil alternativa para devolver esses trabalhadores ao banco de reservas.

Discussão

Assim como afirma Conceição (2007, p. 04) “Parte da população rural encontra-se continuamente na iminência de transferir-se para o urbano.” Se constituindo nessa dinâmica como dependente da sua submissão à exploração. Podemos ver o exemplo de um de nossos participantes, Entrevistado 08, trabalhador jovem de uma pizzaria em sua pequena cidade, que relata sobre sua atividade,

eu achava precária as condições de trabalho, eu fazia massa de pizza, abria a massa, recheava e olhava o forno, eu entrava 5 horas e saía 12 da noite, as vezes até uma da manhã, dia de semana, de segunda até quinta é até mais sossegado, aqui onde eu trabalhava saía 80, 90 pizzas. Aí fim de semana tava saindo quase 200 pizzas para dois Pizzaiolo... três Pizzaiolo... então ficava bem puxado a gente só faltava morrer de trabalhar. (ENTREVISTADO 08, informação verbal, 2020)

Entrevistado 08 é o nosso trabalhador que produz o “sobreemprego”, o seu patrão provavelmente não gostaria de diminuir sua taxa lucro contratando um outro funcionário, mesmo que por vezes seus clientes reclamassem que as pizzas estavam demorando a sair e até buscassem um outro estabelecimento para comprar, aumentar sua escala de produção é depender mais capital, para o trabalho que os poucos funcionários conseguem com muito sofrimento dar conta.

O exército industrial de reserva é criado pelo próprio sistema capitalista e dele necessita para sua manutenção, mas se nos aproximarmos da vida dessas pessoas vamos perceber quão perversa é a produção desses

sujeitos, o que faz com que o Entrevistado 08 deixe a casa dos pais a 32 km de distância da cidade para vender sua força de trabalho em um emprego que visivelmente o explora.

Tipo, pra você arrumar um emprego aqui... eu entreguei um currículo o cara me chamou pra conversar, aí ele falou "minha preocupação é você se deslocar de onde você mora pra vir pra cá todos os dias" depois eu desisti, entendeu? Então é mais fácil ele contratar alguém da cidade do que eu da roça, da zona rural. (ENTREVISTADA 04, informação verbal, 2020)

Como operadora de caixa eu trabalhei um período de seis meses com carga horária de 8 horas, e também não pagava salário e o trabalho era desvalorizado também pela... pelo patrão ... assim, começa como operador de caixa aí vai colocando mais, mais serviço que não estava no "contrato". E doméstica vem aquela... aquela... a discriminação entre as pessoas. (ENTREVISTADA 09, informação verbal, 2021)

Assim como a Entrevistada 04, o Entrevistado 08 e a Entrevistada 09 ocupam papéis importantes no processo de acumulação do capital a partir da produção do exército de reserva, tanto o ativo quando o reserva, a Entrevistada 09 e o Entrevistado 08 ocuparam cargos de pouco prestígio social e sem nenhum reconhecimento, o mínimo que se espera é conseguir um salário minimamente digno que promova sua sobrevivência, mas nem isso encontraram.

Mas mesmo com as condições de trabalho precárias, a falta de reconhecimento e o salário baixo se mantiveram em seus postos por determinado tempo, pois de onde eles vieram (campo) as condições de trabalho se encontravam ainda mais precárias, mas com a retração do capital dos últimos anos ambos perderam o posto que ocupavam, retornando para o mesmo lugar que a Entrevistada 04 ocupa.

Por que arrumar um emprego na cidade?

Por que o lucro que vem da zona Rural é pouco, assim, no meu caso né? (ENTREVISTADA 04, informação verbal, 2020)

Para mim é um dinheiro... mais certo, entendeu? Por isso que eu quero arrumar um serviço na cidade também é um dinheiro fixo né? o dinheiro certo que você sabe que você vai ter então é mais seguro. (ENTREVISTADO 08, informação verbal, 2020)

Os três participantes citados não são situações isoladas, como aponta Marx (2013) ao longo do processo de industrialização com a transformação de "capital variável" em "capital constante" uma quantidade de força de

trabalho é liberada, não apenas colocadas na reserva, os seus reservas também são liberados do processo, então se o capital não absorve novamente uma parte desses trabalhadores a tendência é que permaneçam como força de trabalho sobrando, algo que se constitui historicamente. Para Antunes,

Uma análise do capitalismo atual nos obriga a compreender que as formas vigentes de valorização do valor trazem embutidos novos mecanismos geradores de trabalho excedente, ao mesmo tempo que expulsam da produção uma infinidade de trabalhadores, que se tornam sobrando, descartáveis e desempregados. Esse processo tem clara funcionalidade para o capital, ao permitir a intensificação, em larga escala, do bolsão de desempregados, o que reduz ainda mais a remuneração da força de trabalho em amplitude global, por meio da retração salarial daqueles assalariados que se encontram empregados. (2018, p.77)

A produção capitalista expulsou trabalhadores do campo para as cidades, uma parte desses era absorvido pelo mercado de trabalho e outra parte era devolvida a seu lugar de origem para não se tornarem desocupados vagantes, o que acontece com nossos jovens se aproxima dessa experiência, já que nessa expansão sistêmica eles já surgem inseridos em um contexto de desemprego, ou de um emprego que não supre as suas necessidades, iniciando uma dinâmica de mobilidade do trabalho. Assim como afirma mais um Entrevistado

[...]meu pai mexia com horta né? Eu trabalho desde os 9, 8 anos, mexia com horta, ele saía pra vender eu molhava aí sobrava ele me dava pra vender na rua, que é pertinho de casa essas coisinhas, aí foi crescendo eu vi que não dava que era pouco pra mim, aí com 17 pra 18 eu adulterei a idade e fui pra colheita da cana aí eu vi que era muito pesado pra mim, sei lá, fiquei uma colheita, só alguns meses. (ENTREVISTADO 10, informação verbal, 2021)

E nessas experiências sofrem com inúmeras opressões que o Capital se apropria, reduzindo ainda mais a colocação no ranking das mercadorias caso seja mulher, negro ou LGBTQIA+.

Você pensa sobre essa questão do preconceito e da discriminação?

Para mim ser jovem no campo ainda mais eu sendo negra, é muito mais difícil...quando vai procurar um emprego por exemplo pergunta "é da zona rural e da zona urbana?"

Fala de alguma experiência... se já teve.

Quando eu fui ser doméstica na cidade vizinha, a mulher perguntou o que eu fazia antes... aí eu fiquei lá um ano e três meses... aí eu saí porque ela não me tratava assim... como pessoa humana. (ENTREVISTADA 11, informação verbal, 2021)

O “[...] trabalhador longe de poder comprar tudo, tem de vender-se a si próprio e a sua humanidade” (MARX, 2008, p. 28) as sementes dos escravocratas deram seus frutos, todo aquele que paga pela sua força de trabalho acredita ser seu dono, pelo menos durante um período de tempo, isso por que o capital retira a substância da humanidade do próprio ser humano para emprestá-la à coisa em si da mercadoria

Considerações Finais

Ao olharmos para a vida dos jovens do interior da Bahia que participaram dessa pesquisa podemos ver a expressão dessa forma utilitária que o capital transforma a força vital de cada trabalhador em mais valor, de maneiras diferentes cada um deles está submerso no processo de acumulação capitalista, alienados da terra e do trabalho, afastado dos meios necessários para se constituírem dignamente, transformados em mercadorias que podem ser usadas e descartadas a qualquer momento.

A própria dimensão contraditória da permanência da reprodução do camponês no campo aponta para uma reprodução dos trabalhadores reserva, mesmo em níveis de sociabilidade ou formações sociais cujos arranjos e lógicas produtivas não são diretamente capitalistas, apontando para a universalidade da forma valor no sociometabolismo do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CONCEIÇÃO, A.L. **Jovens Andarilhos no Curto Ciclo do Capital**. OKARA: Geografia em debate, v.1, n.1, p. 1-152, Maio. 2007. ISSN: 1982-3878. Disponível em: <<https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/jovens-andarilhos-no-curto-ciclo-do-capital.pdf>> Acesso em: 09 set. 2021.

HARVEY, D. **Para entender O capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitem-po, 2013.

MARX, K. **O capital: Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Manuscritos economico-filosoficos**. 3. Ed. Trad. Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2008.